

Ciclo de Abuso e Dependência Emocional: por que as mulheres permanecem em relações abusivas?

Jayne Maximiano de Oliveira^{1*}, Camilla Lopes²,

¹Graduando em Psicologia, Centro Universitário Brasileiro - Unibra, Brasil (*Autor correspondente: jayne.oliveirapsic@gmail.com)

²Docente em Psicologia, especialista em Saúde da Mulher, Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde- HC/UFPE

R E S U M O

O estudo, proposto a partir de uma revisão bibliográfica, analisa o processo pelo qual o ciclo de abuso se estabelece e a dependência emocional o sustenta, levando a mulher a permanecer, mesmo diante da dor, em um vínculo marcado pelo medo e pela dominação afetiva. Os dados expõem a残酷 do ciclo de violência: filhas e filhos de vítimas reproduzem ou sofrem agressões, enquanto a subnotificação e a impunidade mantêm mulheres e crianças à mercê da violência. Neste sentido, empregaram-se artigos científicos da área da Psicologia publicados entre 2020 e 2025, produções redigidas na língua portuguesa, possibilitando uma análise qualitativa que identificou três eixos centrais: as manifestações de violência e controle nas relações abusivas, a dinâmica e o ciclo do abuso, e os fatores que mantêm a permanência. A amostra final consistiu em 22 artigos analisados, onde, o percurso da análise revelou que seguir imersa nesse tipo de relação ultrapassa a dimensão da escolha, configurando-se como o enredamento em uma rede de violências psicológicas que permeiam pensamentos, sentimentos e percepções de si. A dependência emocional não apenas explica o retorno da vítima, mas sublinha como o controle sutil se infiltra na vida e no desejo, intensificando o ciclo de submissão e enclausuramento emocional enquanto está submersa nele.

Palavras-Chaves: Ciclo de Abuso. Dependência Emocional. Relações Abusivas.

Cycle of Abuse and Emotional Dependence: Why Do Women Remain in Abusive Relationships?

A B S T R A C T

This study, based on a bibliographic review, analyzes the process through which the cycle of abuse is established and emotionally sustained by emotional dependence, leading women to remain in a relationship marked by fear and affective domination, even in the face of pain. The findings reveal the cruelty of the cycle of violence: daughters and sons of victims either reproduce or suffer aggression, while underreporting and impunity leave women and children exposed to continued violence. In this regard, scientific articles in the field of Psychology published between 2020 and 2025 and written in Portuguese were selected, enabling a qualitative analysis that identified three central axes: manifestations of violence and control in abusive relationships; the dynamics and cycle of abuse; and the factors that sustain permanence in such relationships. The final sample consisted of 22 analyzed articles. The analytical process revealed that remaining immersed in this type of relationship goes beyond the dimension of choice, constituting an entanglement in a network of psychological violence that permeates thoughts, feelings, and self-perceptions. Emotional dependence not only explains the victim's return to the abusive relationship but also highlights how subtle forms of control infiltrate life and desire, intensifying the cycle of submission and emotional confinement while the individual remains embedded within it.

Keywords: Cycle of Abuse; Emotional Dependence; Abusive Relationships.

Oliveira JM, Lopes C. Ciclo de abuso e dependência emocional: por que as mulheres permanecem em relações abusivas?
Rev Univ Bras. 2024;4(1)..



Direitos do Autor. A Revista Universitária Brasileira utiliza a licença Creative Commons (CC BY 4.0)

1. Introdução

O abuso psicológico, manifestado por agressões verbais, humilhações e isolamento, é uma forma invisível de violência que afeta inúmeras mulheres e raramente é reconhecido por não deixar marcas físicas aparentes^{1,2}. Ainda assim, essa violência ocorre em contextos onde o abuso é naturalizado e, muitas vezes, disfarçado de cuidado, sendo legitimado tanto pela vítima quanto pelo agressor³. O ciclo abusivo — que envolve fases de tensão, violência e arrependimento — tende a se repetir indefinidamente, dificultando a percepção da vítima sobre a gravidade do problema^{4,1}. Frente a isso, a Lei Maria da Penha reconhece essas formas sutis de violência, mostrando como elas aprisionam emocional e socialmente a mulher^{5,2}.

Essa naturalização e romantização da violência nas relações afetivas fazem com que atitudes de controle e agressividade sejam confundidas com demonstrações de amor, dificultando a identificação do abuso pela vítima⁴. A partir disso, o abuso comumente começa de maneira sutil, com manipulações e críticas, criando um ambiente confuso e contraditório³. Assim, ciclos alternados de violência e afeto mantêm essa ambiguidade, aprofundando a dependência emocional¹.

Nesse contexto, essa violência silenciosa tende a se estender no tempo, levando a vítima a perder suas referências internas e aumentar sua vulnerabilidade emocional². A dinâmica extrema desse processo está ilustrada no caso de Cassie Ventura, ex-namorada do rapper americano Sean Diddy Combs, que relatou anos de abusos físicos, coerção sexual e humilhações, com um controle psicológico intenso e desumanizante que questiona o consentimento diante do abuso de poder⁶.

A partir desse ponto, a dependência emocional, por sua vez, está profundamente enraizada em experiências psíquicas precoces marcadas por carência afetiva, insegurança e baixa autoestima⁷. Pelo qual o parceiro abusivo alimenta essas fragilidades ao assumir o papel simultâneo de cuidador e controlador, fortalecendo o vínculo dependente^{3,4}. Essa desvalorização interna compromete a autonomia da mulher, criando um ciclo no qual ela busca no outro a validação que não encontra em si mesma.

Somando-se a isso, a COVID-19 agravou essa realidade ao aumentar o isolamento e as tensões domésticas⁷. No qual o medo da rejeição e o histórico de abandono contribuem para que a vítima se submeta à violência como forma de manter o vínculo¹. Ainda, a exploração emocional fomenta uma percepção distorcida⁴, onde o abusador torna-se a única referência possível, fazendo a vítima sentir-se culpada, envergonhada e impotente^{2,5}.

Tal emaranhado de fatores — medo, culpa, dependência emocional e financeira, além das crenças internalizadas sobre o papel da mulher — sustenta a permanência da vítima em relações abusivas. A resistência à ruptura está ligada ao apego emocional ao agressor⁴, enquanto a idealização do parceiro reforça o vínculo abusivo³. As autoras analisam que o medo do julgamento social e a ausência de redes de apoio tornam a saída ainda mais difícil^{7,2}.

A estrutura patriarcal no Brasil, desde o período colonial, consolidou a obediência feminina e legitimou o domínio masculino^{1,7}. Em que os dogmas religiosos e padrões sociais limitaram a autonomia das mulheres, reforçando laços de dependência⁴. Frisa-se que o histórico familiar de agressões também atua como fator de repetição, levando a mulher a reproduzir comportamentos destrutivos^{3,1}. A exaltação do parceiro e a rejeição em admitir a violência impedem que a mulher perceba o abuso, prendendo-a na repetição desse espiral de violência.

Essa realidade estrutural se traduz em dados alarmantes. No Brasil, o feminicídio representa a consequência mais grave das relações abusivas e da dependência emocional mantida pelo ciclo de violência. Em 2022, 1.437 mulheres foram assassinadas — cerca de quatro por dia — majoritariamente dentro de suas casas e por parceiros íntimos, demonstrando a força de uma cultura machista arraigada⁸.

Diante dessa realidade, o estudo propõe-se a examinar produções acadêmicas que tratam do ciclo de abuso e sua associação com a dependência emocional, visando identificar os fatores que mantêm mulheres em

relações disfuncionais. Observa-se que o processo abusivo é contínuo e estruturante afetando a permanência das vítimas, ainda que as consequências demorem a se tornar perceptíveis.

Apesar da maior atenção social aos relacionamentos abusivos, a dependência emocional, como força que sustenta o ciclo, ainda carece de exploração acadêmica suficiente. A análise aprofundada desses processos é essencial para fortalecer a teoria e para o desenvolvimento de ações preventivas e interventivas efetivas. Além de detalhar o ciclo de abuso, este trabalho provoca reflexão sobre como relações afetivas marcadas por poder desigual e controle continuam a ser romantizadas, mantendo mulheres vulneráveis, silenciadas e enredadas na repetição traumática.

2.2 Dependência emocional: fatores psicológicos e consequências

Em contextos de relações afetivas marcadas pela instabilidade e pelo desequilíbrio emocional, a dependência emocional surge como um fenômeno recorrente, sustentado por fragilidades psíquicas que se formam ao longo da vida. Essa dependência é caracterizada pela busca constante de validação externa, motivada pelo medo da rejeição e da solidão. Quando vinculada a vivências na infância, como superproteção ou traumas emocionais, a vítima passa a depender do outro para reconhecer seu próprio valor⁷.

Nesse cenário, em que uma sociedade tende a objetivar os sujeitos, tornam-se comuns relações vulneráveis à dependência emocional, muitas vezes motivadas por tentativas de responder à falta do afeto³. A partir desse entendimento, nas relações abusivas, o controle exercido pelo parceiro intensifica essa dinâmica, fazendo com que a vítima, mesmo em sofrimento, mantenha o vínculo afetivo e tenha dificuldade em romper com a relação⁴.

Esse apego emocional excessivo, frequentemente observado em relações abusivas, está intimamente ligada à dinâmica de controle e manipulação do abusador sobre a vítima. Expandido essa análise, tal dinâmica é marcada pela imposição de crenças e ideologias do abusador, que desconsidera as necessidades do parceiro (a) e dificulta a comunicação, reeditando o ciclo de controle e conflitos⁴.

Nesse contexto, a baixa autoestima das vítimas é um fator determinante, uma vez que a vítima, incapaz de reconhecer sua autonomia, se torna cada vez mais dependente do abusador⁷. Cabe destacar ainda que, a pandemia intensificou essas questões, levando ao aumento da violência intrafamiliar e do feminicídio, o que agravou a saúde mental das vítimas, mantendo-as ancoradas em laços destrutivos³. Portanto, a perda de identidade e a falta de autoestima se tornam elementos centrais na manutenção da dependência emocional, desorganizando intensamente a autonomia emocional das vítimas.

O vínculo afetivo fragilizado, caracterizado pela dependência emocional, é um fator crucial na continuidade do ciclo de abuso. Nessa configuração, essa dependência tem suas raízes em experiências de rejeição ou negligência na infância, levando a vítima a internalizar sentimentos de desvalorização, os quais se refletem em seus relacionamentos amorosos⁷. A insegurança, alimentada pelo medo da rejeição, é um componente central nesse processo, onde, em muitos casos, especialmente em relacionamentos longos, a violência se torna normalizada, sendo difícil para a vítima perceber a gravidade do abuso, considerando-o como parte do vínculo “apaixonado”¹.

A sensação de inferioridade resultante da insegurança leva a vítima a anular suas próprias necessidades e a se submeter ao parceiro, o que dificulta a formação de uma identidade autônoma⁴. O isolamento social, frequentemente imposto pelo parceiro abusivo, intensifica essa vulnerabilidade, reduzindo as fontes de apoio e tornando a vítima ainda mais dependente do agressor.

Devido à vergonha e ao medo de represálias, muitas vítimas permanecem em silêncio sobre o abuso, sustentando o ciclo de violência². Cabe sublinhar que, além dos danos psicológicos, as vítimas são frequentemente culpabilizadas pela sociedade, agravando suas feridas emocionais⁵. Assim, a dependência psíquica, o apego excessivo ao parceiro e o isolamento social criam um ambiente que não só sustenta o abuso, mas também dificulta qualquer tentativa de ruptura com essa dinâmica destrutiva.

O apego disfuncional, frequentemente enraizado em experiências precoces de rejeição ou superproteção, atua como um fator crucial na continuidade do vínculo coercitivo. Além disso, a dependência emocional leva a vítima a anular sua própria identidade para atender às necessidades do parceiro, transferindo suas carências afetivas para ele, onde, essa conduta cria uma conexão psíquica exacerbada que reforça a dinâmica de controle, caracterizando o abuso como algo tolerável ou justificável⁷.

Cumpre salientar que, ao incorporar a dependência financeira e o isolamento social, como elementos que ancoram a mulher na configuração relacional prejudicial, não apenas no contexto conjugal, mas também nas relações familiares³. O agressor, por sua vez, utiliza táticas manipulativas que desestabilizam a autoestima da vítima, levando-a a aceitar o abuso e, muitas vezes, a responsabilizar-se pela violência. D'Agostini⁴ apontam que a romantização da violência, juntamente com o arrependimento aparente do agressor, induz a vítima a acreditar que o abuso é passível de perdão, limitando o recurso a intervenções externas e sustentando o ciclo de opressão.

No entanto, para elucidar de modo mais completo a persistência da vítima nesse cenário, é necessário investigar as motivações subjacentes que a mantêm presa a esse ciclo. Quais são os fatores psicológicos, sociais e culturais que contribuem para que a mulher permaneça em uma relação abusiva? O próximo tópico se dedica a explorar as razões que explicam essa inserção duradoura no vínculo, visando aprofundar a análise sobre as complexidades da experiência das vítimas.

2.3 Por que as mulheres permanecem em relações abusivas

O apego emocional à figura do abusador emerge como um dos principais fatores que sustentam a permanência da mulher na relação abusiva, expondo uma complexa rede de implicações subjetivas. Esse vínculo gera uma intensa resistência a mudanças concretas, como mudar-se de residência ou denunciar o parceiro, pois tais ações representam ameaças à estabilidade emocional já fragilizada⁴. Essa resistência não é apenas um reflexo do medo, mas também da internalização de um sentimento de culpa, construído e intensificado ao longo do relacionamento.

Nesse ponto, a manipulação emocional opera como estratégia fundamental para manter a assimetria relacional, colocando o agressor em uma posição de controle simbólico e afetivo³. A vítima, por sua vez, passa a anular seus próprios desejos em função das necessidades do outro, o que torna visível não apenas a dinâmica de submissão, mas a internalização da ideia de que sua existência está vinculada à manutenção do vínculo. Tal estrutura de apego não se reduz ao desejo de permanecer, mas à convicção de que só há sentido na vida dentro dessa relação, o que traduz uma prisão subjetiva que ultrapassa a esfera do afeto e se inscreve como uma necessidade de sobrevivência emocional⁷.

Ao idealizar o agressor, a vítima encontra justificativas para a violência sofrida, reinterpretando-a como um sinal de arrependimento e reafirmando a esperança de mudança⁴. Assim, ao interligar culpa, idealização e dependência afetiva, os autores revelam como o laço abusivo se perpetua não apenas pela violência em si, mas pela forma como a subjetividade da mulher é moldada dentro dessa lógica relacional, dificultando sua autonomia e obscurecendo os danos psicológicos vivenciados.

A gênese da violência de gênero encontra-se em um tecido social e histórico que subordina a mulher, sustentado por valores patriarcais que estruturam relações de poder até o presente. A idealização do amor romântico, associada à noção de posse, consolida estereótipos de gênero e perpetua a desigualdade entre os sexos¹. Essa representação idealizada e controladora do amor legitima a violência, especialmente quando a mulher é percebida como socialmente inferior, tanto no espaço doméstico quanto público.

Ao longo da história, a mulher foi sistematicamente subordinada, com sua sexualidade e autonomia controladas por convenções religiosas e normas sociais amplamente aceitas⁴. Esse controle social reflete-se em uma estrutura em que o casamento era considerado uma instituição obrigatória, sem o consentimento da mulher, e onde a autoridade masculina era central².

Desde o período colonial, a estrutura patriarcal se consolidou no Brasil, criando uma hierarquia rígida dentro da família e na sociedade, onde o homem ocupa a posição de autoridade e a mulher é relegada a papéis subordinados⁷. A persistência desses valores ao longo do tempo contribui para a normalização da violência e da desigualdade, tornando a violência de gênero um reflexo das relações históricas de poder entre os sexos.

A estrutura familiar, frequentemente marcada por relações de poder, impacta diretamente a permanência da mulher em relações abusivas. A normalização da violência dentro da família, onde abusos são justificados e dificultam a intervenção³. Uma infância desestruturada, sem vínculos afetivos sólidos, gera dependência emocional na vida adulta, levando a mulher a buscar compensações em relações disfuncionais⁷. Com base nisso, comprehende-se como a pressão para manter a unidade familiar e valores de submissão perpetuam a violência¹. Essas dinâmicas familiares criam um ciclo vicioso, onde a mulher internaliza a violência como algo natural, dificultando sua consciência sobre abuso e controle.

O rompimento de uma relação abusiva não depende exclusivamente da vontade da vítima, mas é profundamente atravessado por barreiras externas que a aprisionam emocional e socialmente. A dependência financeira atua como um dos mecanismos mais potentes de controle, pois limita a capacidade de escolha e reforça a submissão da mulher ao agressor³.

A ausência de uma rede de apoio eficaz — seja familiar, afetiva ou comunitária — fragiliza ainda mais esse processo, já que muitas vezes a vítima se vê sozinha diante de um cenário de sofrimento que exige suporte para ser superado. O medo de represálias, como perseguições, ameaças ou retaliações emocionais e físicas, também contribui para o silenciamento e a manutenção do vínculo com o agressor⁴.

Outrossim, os circuitos de ocultamento e aprovação da violência, muitas vezes imperceptíveis, inibem a identificação dos atos dominatórios, mantendo a mulher em uma relação que contamina lentamente sua liberdade de ação e senso de autopercepção². Portanto, o ciclo de abuso deve ser compreendido não apenas como uma repetição de trocas afetivas internas mas como um fenômeno amplificado e sustentado por condições externas — culturais, sociais e institucionais — cuja abordagem requer ação coletiva e coordenada.

A violência contra a mulher, reconhecida como crime pela Lei Maria da Penha, abrange diversas formas de agressão — física, psicológica, sexual, moral e patrimonial — e estabelece mecanismos de proteção e responsabilização dos agressores². Apesar dos avanços legais, romper com o ciclo da violência exige uma abordagem que considere a vulnerabilidade subjetiva da vítima e os fatores estruturais envolvidos. Assim, Correia⁵ destaca a importância de o Estado oferecer atendimento especializado e humanizado, por meio de unidades preparadas para acolher essas mulheres de forma adequada.

Frequentemente, o agressor manipula a vítima emocionalmente, levando-a a sentir-se culpada e dificultando o rompimento da relação abusiva. Nesse cenário, a psicologia exerce papel essencial, pois a escuta qualificada e a intervenção terapêutica permitem que a mulher reconheça os padrões abusivos, resgate sua autoestima e reconstrua sua autonomia⁴.

O Conselho Federal de Psicologia, através do Código de Ética de 2005 orienta a atuação da psicologia na defesa dos direitos humanos e da dignidade dos sujeitos, exigindo uma postura ética, sem julgamentos, que respeite a subjetividade tanto da vítima quanto do agressor³. A Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres reforça esse compromisso ao propor ações intersetoriais que promovam um atendimento qualificado e busquem desconstruir as desigualdades de gênero².

3. Metodologia

Esta pesquisa se delineia a partir de uma abordagem qualitativa, ancorada em revisão bibliográfica, com o propósito de examinar produções científicas acerca do ciclo de abuso e da dependência emocional, tendo como eixo, mulheres que permanecem em relações abusivas. Aspira-se compreender os mecanismos e fatores subjacentes que garantem a continuidade desse esquema relacional. Conforme assinalam Campos⁹, a abordagem qualitativa propicia uma compreensão aprofundada de fenômenos complexos, valorizando a

dimensão subjetiva e o contexto sociocultural, o que potencializa o aprofundamento das discussões acadêmicas no campo da psicologia.

De modo convergente, Sant'Ana e Lemos¹⁰ salientam que essa perspectiva metodológica requer coerência, originalidade e rigor analítico. A revisão bibliográfica, por sua vez, consiste na identificação, seleção e análise crítica de materiais previamente publicados, como artigos, livros e teses, possibilitando a construção de um arcabouço teórico consistente⁹. Assim, a revisão bibliográfica fornece o substrato conceitual necessário, enquanto a abordagem qualitativa estrutura a análise dos fenômenos investigados.

A coleta de dados foi conduzida por meio de análise da literatura, em consonância com os preceitos da abordagem qualitativa, a qual demanda nitidez no objeto investigativo, articulação consistente com o referencial teórico e registro minucioso das observações¹⁰. A sistematização do corpus ocorreu mediante a aplicação criteriosa de descritores, estruturada em cinco etapas sequenciais: emprego das palavras-chave, delimitação do recorte temporal, filtragem segundo o recorte linguístico, inclusão restrita a artigos de revisão e, finalmente, seleção criteriosa mediante análise dos resumos, garantindo a pertinência e relevância dos dados coletados.

A escolha da plataforma de busca científica fundamenta-se em sua ampla aceitação no âmbito de pesquisas qualitativas e na disponibilização de produções científicas recentes e diversificadas, propiciando a constituição de um corpus robusto e contemporâneo. A investigação sustenta-se em fontes pré-existentes, proporcionando ao pesquisador respaldo epistemológico para o aprofundamento de um tema específico, abrangendo publicações diversas, tais como livros, artigos científicos, dissertações e teses¹¹.

O corpus investigativo foi delineado a partir de fontes acadêmicas indexadas no Google Acadêmico, mediante a aplicação dos descritores “Relacionamentos abusivos”, “Dependência emocional”, “Violência mulheres; Abuso emocional”, “Abuso psicológico; Lei Maria da Penha” e “Revisão bibliográfica; Metodologia; Qualitativo”. Com o intuito de assegurar a pertinência temática e a atualidade das produções, estabeleceu-se como critério a inclusão exclusiva de publicações em língua portuguesa, datadas entre 2020 e 2025, que contemplassem de maneira inequívoca o ciclo de abuso e a dependência emocional em mulheres.

A etapa de triagem seguiu um protocolo metodológico em cinco fases sequenciais: (i) aplicação inicial dos descritores; (ii) delimitação temporal; (iii) restrição idiomática; (iv) filtragem para artigos de revisão bibliográfica; e (v) análise de relevância e aderência temática. Foram suprimidos do corpus os trabalhos redundantes, aqueles destituídos de definição precisa acerca dos “ciclos de abuso” e os que não guardavam relação direta com o objeto investigado. Teses, dissertações e monografias também foram desconsideradas, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 - Etapas da coleta e da limpeza de dados
Figure 1 – Stages of data collection and data cleaning



A Figura 1 evidencia cinco ciclos sucessivos que detalham a aplicação dos descritores no mapeamento sistemático dos artigos, objetivando o aprimoramento dos critérios analíticos e a seleção dos estudos mais pertinentes para a investigação. Na etapa inaugural, identificaram-se múltiplos registros na plataforma Google Acadêmico mediante o emprego das palavras-chave “Relacionamentos abusivos” (14.200), “Dependência emocional” (17.100), “Violência mulheres; Abuso emocional” (56.100), e “Abuso psicológico; Lei Maria da Penha” (11.900).

Posteriormente, na segunda etapa, implementou-se um recorte temporal, circunscrevendo a busca às publicações produzidas entre 2020 e 2025, o que propiciou a redução dos registros para “Relacionamentos abusivos” (7.250), “Dependência emocional” (10.600), “Violência mulheres; Abuso emocional” (15.400), e “Abuso psicológico; Lei Maria da Penha” (5.760), privilegiando, assim, produções contemporâneas.

A terceira etapa consistiu na filtragem linguística, contemplando exclusivamente materiais redigidos em língua portuguesa, com os volumes ajustados para “Relacionamentos abusivos” (6.580), “Dependência emocional” (2.320), “Violência mulheres; Abuso emocional” (15.100), “Abuso psicológico; Lei Maria da Penha” (5.360) e “Metodologia qualitativa; Revisão bibliográfica” (15.400). Em seguida, na quarta etapa, aplicou-se o critério seletivo para a inclusão exclusiva de artigos de revisão bibliográfica, excluindo-se teses, dissertações e monografias, o que resultou na contabilização de “Relacionamentos abusivos” (146), “Dependência emocional” (71), “Violência mulheres; Abuso emocional” (794) e “Abuso psicológico; Lei Maria da Penha” (128).

Por fim, a quinta etapa contemplou a avaliação temática dos resumos dos textos remanescentes, eliminando-se registros duplicados e aqueles que não abordavam diretamente os ciclos de abuso, culminando em “Relacionamentos abusivos” (146), “Dependência emocional” (71), “Violência mulheres; Abuso emocional” (253) e “Abuso psicológico; Lei Maria da Penha” (128).

Após esse rigoroso processo de triagem, foram selecionados exclusivamente os artigos que satisfizeram integralmente os critérios preestabelecidos, constituindo um corpus qualificado de vinte e dois (22) estudos, cujos resumos apresentaram aderência temática e foram considerados válidos para a fundamentação da pesquisa.

Constam no documento trechos relevantes que dialogam diretamente com os temas investigados, acompanhados de observações elaboradas pelo pesquisador. Essas informações foram estruturadas de forma organizada para viabilizar comparações entre diversos estudos de cunho bibliográfico. A análise dos dados foi realizada por meio de revisão sistemática, com o propósito de identificar contribuições e lacunas nas produções acadêmicas sobre o ciclo de abuso, buscando compreender o desenvolvimento desse ciclo, o estabelecimento da dependência emocional e os fatores que explicam a permanência das mulheres em relações abusivas. Precedeu-se à seleção estudos que utilizavam metodologia qualitativa e revisão bibliográfica, priorizando aqueles que tratavam da dependência emocional como elemento central.

O exame do material privilegiou uma abordagem crítica e interpretativa dos fenômenos, indo além da mera descrição, e estabelecendo um diálogo entre teoria e empiria¹⁰. Constatou-se que a maior parte das pesquisas concentra-se nas formas mais explícitas da violência — psicológica, física e feminicídio—, mas dedica pouca atenção às fases iniciais dessas dinâmicas, especialmente em relações de longa duração, cuja compreensão é essencial para explicar a evolução até formas mais graves de violência. Amparada em Batista e Kumada¹¹, a pesquisa bibliográfica recorreu a fontes já consolidadas, e, mediante análise comparativa e reflexiva, estruturou-se o corpus final, o que permitiu delinear modelos relacionais e ausências, intensificando a consistência teórica e a profundidade crítica da leitura.

4. Discussão e Resultados

Para fins deste estudo, a amostra final consistiu em 22 artigos selecionados conforme os critérios de inclusão e exclusão, dos quais foram analisados, discutidos, categorizados e organizados distribuídos a seguir, nos grupos de análise.

Tabela 1. Tabela sinóptica referente aos artigos analisados, contendo título, autor(es), ano de publicação, periódico, palavras-chave e a classificação nos grupos de análise: Manifestações de Violência e Controle em Relações Abusivas (MVCRA), Dinâmica e Ciclo do Abuso (DC/CA) e Fatores de Permanência (FP).

Título do Artigo	Ano de Publicação	Sobrenome dos Autores	Revista / Periódico	Palavra-chave	MVCRA	DC/CA	FP
<i>“Mas ele nunca me bateu”: Tipos de violência contra a mulher com ênfase na contextualização do abuso emocional por seus parceiros íntimos</i>	2020	Alves, Soares, Sousa, Silva, Silva, Oliveira, Maia, Torres, Marques, Fagundes, Silvestre e Santos	Research, Society and Development	Violência mulheres; Abuso emocional;	X		
<i>Representações sociais sobre relacionamento abusivo</i>	2021	D' Agostini, Zanim, Noro, Czismoski, Giacometti, Oliveira, Basso e Algeri	Brazilian Journal of Development	Relacionamentos abusivos		X	X
<i>Lei Maria da Penha: a violência psicológica em seus aspectos jurídicos e socioculturais na atualidade</i>	2021	Ribeiro e Melo	Revista Recifaqui	Abuso psicológico; Lei Maria da Penha	X	X	X

<i>Violência contra a mulher: uma revisão da literatura</i>	2021	Araújo, Rabello, Soriano, Moreira, Bento e Almeida	Research, Society and Development	violência mulheres; Abuso emocional;	X		X
<i>Violência psicológica: Dificuldade em romper o vínculo afetivo em uma relação conjugal violenta</i>	2021	Portela	Revista Brasileira de Sexualidade Humana	violência mulheres; Abuso emocional;	X	X	X
<i>Relacionamento Abusivo: O ciclo de aprisionamento e dependência emocional</i>	2022	Carvalho e Freitas	JNT - Facit Business and Technology Journal	Relacionamentos abusivos		X	X
<i>Relacionamentos abusivos à luz da terapia dos esquemas: uma revisão sistemática</i>	2022	Magalhães, De Azevedo e Ferreira	Research, Society and Development	Relacionamentos abusivos	X	X	X
<i>Abuso psicológico, autoestima e dependência emocional de mulheres durante a pandemia de COVID-19</i>	2022	Paiva, Lima e Cavalcanti	Revista oficial de los Departamentos de Psicología de la Universidad católica del Uruguay	Dependência emocional	X	X	X
<i>Permanência de Mulheres em Relacionamentos Violentos: desvelando o cotidiano conjugal</i>	2022	Gomes, Carneiro, Almeida, Costa, Campos, Virgens e Webler	Cogitare Enfermagem	violência mulheres; Abuso emocional;		X	X

<i>Violência Psicológica sob à luz da lei Maria da Penha</i>	2023	Correia	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação	Abuso psicológico; Lei Maria da Penha	X	X	X
<i>Ciclo da violência doméstica contra a mulher: Reflexões jurídicas a partir da lei Maria da Penha</i>	2023	Moura, Freitas e Coelho	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação	Abuso psicológico; Lei Maria da Penha	X	X	
<i>Violência doméstica e psicologia: uma revisão integrativa da literatura</i>	2023	Medeiros, Cambaúva e Miranda	Revista Saúde.Com	Abuso psicológico; Lei Maria da Penha	X		X
<i>O que é abusivo: Uma revisão sobre relacionamentos abusivos</i>	2023	Zibenberg e Costa	Psicologia e Cultura: Abordagens, reflexões e implicações da psicologia na sociedade contemporânea	Relacionamentos abusivos		X	
<i>Análise do Impacto Psicológico Ocasionado em Mulheres Vítimas de Violência Simbólica: uma revisão de literatura</i>	2023	Miranda e Lima	Unipar	Dependência emocional	X		X
<i>Percepção do abuso psicológico no Brasil: O papel do sexismo e dos mitos de amor</i>	2024	Silva, Torres e Estraminana	Boletim de Conjuntura (BOCA)	Violência mulheres; Abuso emocional;		X	X

<i>Dependência Emocional em Relacionamentos</i>	2024	Fernanda, Couto, Gomes, Medina e Ferreira	Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais	Dependência emocional			X
<i>Elaboração e Validação da Escala de Atitudes para Mulheres sobre Permanência em Relacionamentos Abusivos</i>	2024	Gomes, Fernandes, Silva e Cortez	Periódicos de Psicologia - PePsic	Relacionamentos abusivos		X	X
<i>A Lei Maria da Penha: análise das medidas de proteção e apoio às vítimas</i>	2024	Souza e Guida	Revista Observatório de la Economía Latino/Americana	Abuso psicológico; Lei Maria da Penha	X		
<i>Dependência emocional em relacionamentos conjugais: possíveis fatores e consequências</i>	2024	Santos e Camargo	Psicologia USP	violência mulheres; Abuso emocional;	X		X
<i>A violência psicológica sob a perspectiva de mulheres que sofreram violência</i>	2024	Reis e Cúnico	Revista Psicologia Argumento	violência mulheres; Abuso emocional;	X		X
<i>Dependência Emocional: permanência de mulheres em relacionamentos abusivos</i>	2025	Jesus e Alves	Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences	violência mulheres; Abuso emocional;	X	X	X
<i>Danos Psicológicos causados pela violência doméstica contra a mulher</i>	2025	Silva, Silva e Hanna	Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences	violência mulheres; Abuso emocional;	X		X

Após análise minuciosa, os artigos foram distribuídos em três grupos de análise: (1) **Manifestações de Violência e Controle em Relações Abusivas (MVCRA)**, abrangendo as diversas formas de abuso em relações interpessoais, incluindo a violência psicológica, patrimonial e moral, bem como as estratégias de controle e intimidação utilizadas pelos agressores evidenciando a diversidade e gravidade das agressões que ultrapassam o aspecto físico, totalizando 15 artigos; (2) **Dinâmica e Ciclo do Abuso (DC/CA)**, contemplando estratégias de controle, como ciúmes, manipulação e gaslighting, associadas às fases do ciclo abusivo (tensão → agressão → reconciliação → repetição), demonstrando a manutenção da relação e a dificuldade da vítima em se desvincular, com 13 artigos; e (3) **Fatores de Permanência (FP)**, envolvendo elementos emocionais, sociais e institucionais — como dependência emocional, baixa autoestima, pressões culturais, dependência financeira e ausência de redes de apoio — permitindo compreender por que muitas mulheres permanecem nas relações, articulando vulnerabilidades internas e externas, totalizando 18 artigos. A soma das categorias resultou em 46 classificações, evidenciando a sobreposição e inter-relação entre os diferentes aspectos analisados que são discutidos abaixo.

4.1 Manifestações de violência e controle em relações abusivas

A violência que atravessa as relações afetivas não se limita ao corpo; ela se infiltra nas palavras, nos gestos e nas sutilezas do vínculo, tornando-se difícil de nomear e interromper². Ampliando essa discussão, a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) expande essa leitura ao reconhecer as múltiplas expressões da violência e a trama patriarcal que a sustenta⁵. Conforme destacam Ribeiro e Mello¹², a violência psicológica desestrutura a imagem de si e a estabilidade emocional da vítima ocupando ponto focal na repetição do ciclo abusivo ao fragilizar seu funcionamento psíquico.

Contribuindo para essa reflexão, Dos Reis e Cúnico¹³, ressaltam que a violência contra a mulher vai além da agressão física, englobando insultos, ameaças, assédio e humilhações frequentemente despercebidos. Logo, o abuso psicológico mantém muitas mulheres presas à relação por dependência emocional ou baixa autoestima, consolidando o ciclo da violência¹⁴. Assim, observa-se que a violência psicológica, se apresenta muitas vezes disfarçada de cuidado, permitindo que humilhações, ameaças e manipulações se instalem gradualmente⁵. Esses atos reduzem a estabilidade psíquica da vítima, comprometem sua saúde mental e restringem suas decisões, dificultando a ruptura da relação. O entrelaçamento entre essas manifestações sutis e fatores internos evidencia a complexidade do controle psicológico, consolidando seu núcleo estruturante do ciclo.

Nas palavras de Sousa e Guida¹⁵, a violência se ancora na desigualdade de gênero, representando ameaça constante à mulher. Comportamentos de dominação são frequentemente camuflados como cuidado ou amor, normalizando o abuso conjugal¹⁶. De modo semelhante, que a restrição de contatos sociais, a vigilância de vestuário e aparelhos eletrônicos consolida o controle e reduz a autonomia feminina¹⁷. A alternância entre agressão e arrependimento cria apegos patológicos persistentes. Corroborando essa análise, os autores enfatizam que a violência psicológica destrói a autoestima, intensifica a dependência emocional e mantém a mulher cativa ao ciclo, especialmente durante a pandemia¹⁴.

Essa análise se aproxima da concepções de Portela¹⁸, que integra o rompimento de uma relação violenta envolvendo fatores culturais, sociais e emocionais que limitam a autonomia da mulher e fortalecem a posição do agressor. Demonstrando esse fenômeno, a violência contra a mulher constitui um grave problema de saúde pública no Brasil, com uma agressão a cada quatro minutos e mais de 183 mil casos registrados até setembro de 2023¹⁷. Durante a pandemia, o isolamento social, o desemprego e o consumo abusivo de álcool intensificaram o controle e a exposição ao risco¹⁹. Essa leitura dialoga com Paiva, Lima e Cavalcanti¹⁴ que elucidam que a violência reduz a autoestima, aumenta a dependência emocional e mantém a vítima no relacionamento, predominando em mulheres de 18 a 33 anos. Além disso, a violência doméstica reflete a

hierarquia patriarcal e se intensifica na interseção de raça e classe, afetando particularmente mulheres negras e de baixa renda²⁰. Assim, os dados demonstram que a violência não é episódica, mas estrutural, atingindo majoritariamente mulheres jovens e reforçando a centralidade da submissão afetiva no ciclo abusivo.

Para exercer controle, o agressor recorre ao isolamento social, restringindo contatos da vítima com familiares, amigos e redes de apoio, o que fragiliza sua estrutura relacional e dificulta a denúncia¹³. Tal contexto intensifica o apego compulsivo, tornando a mulher mais suscetível à manipulação e obscurecendo sua percepção da violência²¹. O silêncio e a submissão são moldados por experiências de violência na infância, falta de amparo familiar e processos de culpabilização²². A carência afetiva nos primeiros anos leva a vítima a buscar nos parceiros o afeto negado, aumentando a fragilidade emocional²³. Portanto, o isolamento social, em conjunto com a dependência afetiva, compromete a autoimagem, intensifica sentimentos de medo e vergonha e perpetua o ritmo reiterativo de violência¹³.

Ao analisar as diversas formas de violência nas relações interpessoais, comprehende-se que elas não ocorrem de maneira isolada, mas se sobrepõem e se sustentam mutuamente. A violência psicológica, sutil e patrimonial se manifesta junto com práticas de controle, manipulação e isolamento social, formando uma rede complexa de coerção que fragiliza a autogestão da vítima e intensifica sua necessidade afetiva exacerbada. Esse entrelaçamento de estratégias abusivas gera um ciclo contínuo, no qual agressões visíveis e invisíveis se retroalimentam, tornando cada tentativa de rompimento mais difícil e fixando a relação de dependência. Dessa forma, a integração dessas variadas manifestações de violência não apenas mantém a mulher presa à relação abusiva, mas estrutura e sustenta todo o ciclo, expondo a complexidade do abuso relacional.

4.2 Dinâmica e ciclo do abuso

A dificuldade em reconhecer a violência em sua dimensão simbólica favorece a manutenção da mulher em relações abusivas¹⁶. A partir disso, o ciclo de abuso se organiza em fases interconectadas que reforçam o vínculo com o agressor. Na fase de tensão, predominam agressões verbais e psicológicas — gritos, humilhações e chantagens — que debilitam a confiança em si mesma. Em seguida, há possibilidade de escalada para violência física e sexual, incluindo espancamentos e coerção⁴. Desse modo, a repetição alternante de agressões e reconciliações (“lua de mel”), durante as quais o agressor apresenta pedidos de desculpas, sustenta a dependência emocional da vítima²⁴. Portanto, a alternância entre violência e calmaria dificulta o rompimento e contribui para a revitimização institucional¹⁷.

No início, o agressor evita a violência física, preferindo exercer domínio sobre a subjetividade da vítima por meio de intimidação e humilhação. Esse processo visa corroer sua autoestima, favorecendo a aceitação progressiva de condutas agressivas e consolidando a coexistência entre a violência psicológica e a física como eixo estruturante da relação¹². Gradualmente, as agressões tornam-se mais visíveis, evoluindo de sutilezas psicológicas para formas severas¹⁷, assim, a percepção da vítima sobre a gravidade do abuso tende a ser tardia, uma vez que a violência se apresenta como um padrão contínuo¹⁸. Isso revela que, a fase de tensão denota como uma contenção afetiva que prepara o terreno para a intensificação do abuso e a manutenção do vínculo destrutivo.

As agressões físicas em relacionamentos abusivos manifestam-se por espancamentos, murros e chutes, podendo ainda incluir imposição sexual momentânea⁴. Complementando essa perspectiva, a violência psicológica tende a ser gradual e nem sempre percebida de imediato, prolongando o controle do agressor sobre a vítima⁵. Tal dinâmica resulta em abusos que geram impactos físicos, como distúrbios de sono, dores, problemas gastrointestinais e ginecológicos, uso de substâncias e pressão alta, além de efeitos psíquicos, incluindo medo, insegurança, baixa autoestima, isolamento, depressão e transtorno de estresse pós-traumático²⁰. Logo, alerta que, nos casos mais graves, a violência pode resultar em morte, sendo que 40% a 70% dos homicídios femininos no mundo são cometidos por parceiros íntimos²⁵. Com isso, esses abusos são contínuos e estruturais, frequentemente relacionados a vínculos traumáticos e instabilidades de apego na infância, consolidando o ciclo de violência e intensificando a vulnerabilidade da vítima¹⁴.

Importa destacar que, os atos violentos ocorrem entre períodos de arrependimento do agressor, conhecidos como “lua de mel”, caracterizados por remorso, culpa e promessas de mudança, levando frequentemente ao perdão da vítima⁴. Pois, no início do relacionamento, muitas mulheres têm dificuldade em reconhecer a violência devido ao encanto e ao ideal de construir uma família perfeita¹⁷. Entretanto, a valorização do casamento contribui para que permaneçam em contextos abusivos, evitando identificar ou denunciar a violência. Ou seja, o abuso de controle é mais facilmente percebido por terceiros, enquanto o abuso emocional permanece restrito à vítima, tornando-se menos visível socialmente¹. Diante do que foi exposto, as relações interpessoais podem assumir configurações abusivas sutis, dificultando tanto a identificação quanto a intervenção³. Portanto, a dependência emocional, articulando culpa, medo do abandono e vazio subjetivo, sustentam as figuras de apego inseguros formados na infância, consolidando vínculos traumáticos e dificultando a ruptura da relação¹⁶.

O controle masculino é recorrente e frequentemente naturalizado, sendo interpretado como comprometimento ou dedicação à relação, mas subjazem insegurança, posse e dominação¹⁷. Ampliando esse ponto, identifica-se que a sociedade patriarcal corrobora crenças que legitimam a violência e transferem a culpa para a vítima¹⁸. Com objetivo de analisar de modo detalhado, tradicionalmente, a mulher tinha papéis restritos à esfera doméstica e à subordinação ao marido²⁶. Os dados relacionados à transmissão intergeracional mostra a continuidade do ciclo: filhas de mulheres agredidas têm 92% mais chance de sofrer violência, e filhos homens que testemunharam agressões apresentam 96% de probabilidade de se tornarem agressores. Estatísticas internacionais mostram que 62,3% das vítimas em Portugal não buscaram apoio; no Irã, 35,2% das gestantes sofreram violência doméstica, principalmente emocional, afetando mãe e filho¹⁹. Tal configuração velada do abuso dificulta que a vítima reconheça plenamente a gravidade da situação, consolidando a relação sem consciência dos impactos psíquicos.

Portanto, o percurso do ciclo de abuso revela-se como um processo contínuo e interconectado, em que tensão, agressão e reconciliação se sobrepõem, fortalecendo a dependência emocional da vítima. Dessa forma, cada fase consolida vínculos traumáticos, tornando difícil a consciência da violência e ampliando o desamparo subjetivo. A alternância entre agressividade e arrependimento estabelece uma repetição estruturada previsível, porém enganosa, que mantém o enclausuramento afetivo. A convergência de manifestações psicológicas, físicas e de controle demonstra a ação simultânea de fatores internos e externos. Assim, a análise dessa configuração cíclica é crucial para compreender a permanência feminina em relações abusivas, servindo de base para o próximo subcapítulo.

4.3 Fatores de permanência

Mulheres em situação de violência apresentam sentimentos de impotência, dificuldade para expressar emoções, culpa, sobrecarga e estresse. Sob a perspectiva psicanalítica, a violência não se explica apenas por pulsões ou complexo de castração, mas decorre da interação de fatores culturais e sociais. Com mudanças na valorização da autonomia e realização profissional feminina, a fragilidade simbólica do parceiro pode emergir, levando-o a atitudes agressivas para reafirmar sua posição de poder²⁰. Em razão disso, compreender o perfil dessas mulheres é essencial para identificar os grupos mais atingidos; grande parte possui apenas ensino médio concluído, o que limita o acesso ao mercado de trabalho e concentra a população em áreas periféricas, com idades entre 15 e 75 anos²¹. Desse modo, a violência, por ser silenciosa e progressiva, nem sempre é percebida, dificultando seu reconhecimento e a denúncia⁵. Por esse motivo, fatores culturais e sociais, como submissão feminina, preservação da privacidade do lar, valorização da família “intacta” e culpabilização da vítima, fortalecem a submissão mantida por laços abusivos¹⁷.

Segundo a análise do mesmo autor, muitas mulheres apresentam dificuldade em identificar sinais de violência no início do vínculo conjugal¹⁷. Vale sublinhar que essa condição evidencia a dependência emocional, na qual o indivíduo sente necessidade contínua de estar em um relacionamento para manter equilíbrio emocional, apresentando sintomas como insônia, ansiedade e aceleração cardíaca na ausência do

parceiro⁷. Isto é, pessoas com fragilidade emocional centralizam o relacionamento em suas necessidades, utilizando manipulação e intimidação⁴. Por essa razão, o isolamento imposto pelo companheiro e a ausência de perspectiva de futuro tornam a separação difícil¹⁸. Soma-se a isso a baixa autoestima, depressão, ansiedade e crises de pânico, que enfraquecem a capacidade de reação. O reconhecimento do abuso é dificultado, pois muitas mulheres não percebem a violência como concreta. Essa vulnerabilidade emocional reitera o vínculo com o agressor, perpetuando o fluxo de dominação.

Cabe ressaltar que, fatores socioeconômicos, como a dependência financeira e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, aumentam a vulnerabilidade das vítimas, sendo a presença de filhos um elemento que reforça a permanência, pelo medo de não prover sustento¹⁶. Em vista disso, no contexto familiar, muitas mulheres experienciam humilhações, privações e diferentes formas de abuso, refletindo desigualdades de gênero e configurando discriminação social e estatal⁵. Dado que, essa limitação da autonomia feminina promove submissão, perda de direitos de escolha e mantém muitas mulheres cativas em seus próprios lares, restritas às funções de esposa, mãe e dona de casa, perpetuando relações de poder desiguais e vulnerabilidade social²⁶. Portanto, essa violência que é sustentada por uma cultura de superioridade masculina, induzindo a vítima a internalizar sentimentos de inferioridade, inutilidade e incapacidade, submetendo-se às agressões para atender às expectativas do agressor¹³.

Dentro dessa realidade, muitas vezes a família se abstém de apoiar a mulher, seja por medo do agressor, questões financeiras ou por não acreditar nela, especialmente quando há repetidas tentativas de retorno ao relacionamento¹⁸. Diante disso, mulheres em situação de violência frequentemente são caladas e invisibilizadas, tanto pelos parceiros, agressores, quanto pela sociedade, pois seus relatos costumam ser desacreditados²¹. Desse modo, a dificuldade de alguns homens em aceitar recusa ou término evidencia a desigualdade de poder nas relações, tratando a mulher como objeto de posse¹³. Onde, mesmo com impactos psicológicos frequentes, ainda há dificuldade em identificá-los, sobretudo quando se manifestam de forma silenciosa, gerando falhas no acolhimento e no suporte profissional²². Portanto, a ausência de uma rede de proteção adequada aprofunda a sensação de enclausuramento e corrobora a repetição da vítima na dinâmica da violência.

Destaca-se, assim, que a violência inclui humilhações, chantagens, cobranças, exploração, críticas sexuais e restrições à liberdade, incluindo o impedimento de manter contato com familiares ou amigos¹². O silêncio e a submissão da mulher intensificam os maus-tratos, aumentando os danos à psique, incluindo ansiedade e depressão. Com isso, outro ponto que se evidencia é que mulheres jovens, negras e com menor escolaridade apresentam maior vulnerabilidade, enquanto a educação reduz a normalização do sofrimento²⁵. Carvalho e Freitas³, endossa a compreensão da historicidade do papel feminino, imersa em estigmas patriarcais que fortalecem a subordinação. A invisibilidade do sofrimento contribui para a vitimização secundária¹. Com isso, essa trama de apego disfuncionais da infância sustenta a vulnerabilidade emocional na vida adulta. Isso reforça a ideia de que o desequilíbrio de poder e a alternância entre abuso e reconciliação mantêm a mulher presa²³. Em decorrência, atitudes como assédio e ameaças de ex-parceiros comprometem a autonomia e a segurança da vítima, prolongando a prisão simbólica¹⁹.

Da síntese desses fatores emerge que o complexo entrelaçamento de dimensões emocionais, sociais, culturais e institucionais sustenta o ciclo de abuso e explica a permanência da mulher em relações disfuncionais. Aspectos como autoimagem fragilizada, dependência emocional, dificuldades financeiras, papéis de gênero historicamente construídos e ausência de suporte familiar ou estatal contribuem para manter a vítima vulnerável e cativa emocionalmente. Desse modo, a alternância entre agressão e reconciliação, somada à invisibilidade social e à escassez de suporte, impede a ruptura do ciclo, revela que a continuidade da relação não se dá por opção, mas como efeito de múltiplos mecanismos de controle.

5. Considerações Finais

Com base nas discussões apresentadas, observou-se que as produções acadêmicas sobre o tema “Ciclo de Abuso e Dependência Emocional: por que mulheres permanecem em relações abusivas?” organizam-se em três eixos: 4.1 – Manifestações de Violência e Controle em Relações Abusivas; 4.2 – Dinâmica e Ciclo do Abuso; e 4.3 – Fatores de Permanência. Em conjunto, essas análises evidenciam a falácia de discursos que culpam a vítima — como a expressão simplista “se permanece, é porque gosta” —, sustentando uma violência simbólica que ignora toda a complexidade do sofrimento feminino e do ciclo coercitivo. A permanência na relação não resulta de prazer ou escolha consciente, mas decorre de uma trama de fatores psíquicos, afetivos e sociais que ultrapassam a vontade da mulher.

No aspecto abordado em 4.1, verifica-se que as diferentes formas de imposição e controle se entrelaçam em uma trama coercitiva que fragmenta a autonomia interna da mulher, cristaliza sua dependência intrapsíquica e solidifica o vínculo abusivo. Essa realidade encontra ressonância em 4.2, que evidencia o ciclo de abuso como uma repetição estruturada de tensão, agressão e reconciliação, consolidando vínculos traumáticos e intensificando o desamparo subjetivo frente às forças internas e externas que mantêm o laço. Por fim, 4.3 denota que a permanência da mulher em relações abusivas emerge da confluência de dimensões internas, afetivas, sociais e culturais, corroendo sua autoimagem, amplificando sua debilidade afetiva e mantendo-a cativa em laços patológicos que perpetuam o ciclo coercitivo.

Não é escolha. No início, tudo parece “flores”, mas gradualmente surgem pequenas brigas: controlam como tem que se veste, críticas quando se compartilha detalhes do relacionamento, sabendo que pessoas de fora da relação podem estranhar. Com o tempo, evolui para puxões de cabelo, tapas e imposições do tipo “não quero você com falando com essa pessoa”, além de cobranças constantes sobre cada saída. Dessa forma, consegue dominar um dos pontos mais sensíveis do ser humano — o emocional — que, já fragilizado e desorganizado, passa a interpretar esse controle como cuidado do amor. Este trabalho nos traz à tona que muitas vezes a vítima sequer percebe o que está acontecendo, pois o parceiro age de forma meticulosamente planejada para dominar o afeto e mantê-la presa em seu cativeiro emocional. Ninguém fica na relação por querer apanhar; romper o vínculo é uma batalha diária, pois cada denúncia representa uma ameaça à sua vida ou ao seu “amor”. O agressor, muitas vezes já ciente da queixa, pode reaparecer no dia seguinte “na porta de casa” para humilhar, amedrontar, agredi-la e punir, garantindo que o terror e o controle continuem, pressionando a vítima a retirar a queixa.

Em termos de escopo, convém mencionar que o presente estudo se restringiu a uma abordagem bibliográfica, passível de ampliação por meio da coleta de dados primários. Pesquisas futuras poderiam explorar quatro questões centrais: há fetichização do sofrimento da mulher pelo agressor? O prazer dele advém do poder, da dominação ou da manipulação emocional da vítima? Que fantasias de controle ou possessão mantêm o ciclo de abuso? Por que o homem se excita ao ferir e amedrontar a mulher? Além disso, quais intervenções efetivamente quebram essa engrenagem? Compreender essas questões é essencial para revelar a perversidade da dinâmica e pensar em modos de atuação que desfaçam o cativeiro emocional imposto à vítima.

Referências Bibliográficas

1. Silva FL, Torres ARR, Estramiana JLÁ. Percepção do abuso psicológico no Brasil: o papel do sexismo e dos mitos de amor. *Bol Conjunt (BOCA)*. 2024;17(50):761–781.
2. Alves RSS, Soares IL, Sousa FLL, Silva MPB, Silva LAC, Oliveira BX, Maia CC, Torres JA, Marques KC, Fagundes GRS, Silvestre FER, Santos SF. Mas ele nunca me atingiu: tipos de violência contra mulheres com

ênfase no contexto de abuso emocional por seus parceiros íntimos. *Pesqui Soc Desenv.* 2020;9(11):e39391110059.

3. Carvalho VS, Freitas TMM. Relacionamento abusivo: o ciclo de aprisionamento e dependência emocional. *Facit Bus Technol J.* 2022;2(36).
4. D'Agostini M, Zanin CAS, Moro CD, Czismoski DF, Giacometti E, Oliveira JCS, Basso TRS, Algeri V. Representações sociais sobre relacionamento abusivo / Social representations about abusive relationships. *Braz J Dev.* 2021;7(2):20701–21.
5. Correia EBQ. Violência psicológica sob a luz da Lei Maria da Penha. *Rev Bras Educ Saúde.* 2023;9(11).
6. BBC. Caso Sean “Diddy” Combs: ex-namorada depõe sobre abuso físico e coerção sexual em relacionamento. BBC News Brasil. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cly3461z02po>
7. Fernandai D, Coutoii GE, Gomesiii J, Medinav M, Ferreiraiv RR. Dependência emocional em relacionamentos. *Contradição Rev Interdiscip Cienc Hum Soc.* 2024;5(2):e066.
8. BBC News Brasil. Feminicídio: 4 mulheres são mortas por dia no Brasil — por que isso ainda acontece com tanta frequência? 2023 Sep 5. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqqg2ezpk3po>
9. Campos LRM, Cruvinel BV, Oliveira GS, Santos AO. A revisão bibliográfica e a pesquisa bibliográfica numa abordagem qualitativa. *Cad Fucamp.* 2023;22(57):96–110.
10. Sant’Ana WP, Lemos GC. Metodologia científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. *Rev Eletrôn Cient Ens Interdiscip.* 2020;4(12).
11. Batista LS, Kumada KMO. Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. *Rev Bras Iniciaç Cient.* 2021;8:e021029
12. Ribeiro IN, Mello RIC. Lei Maria da Penha: a violência psicológica em seus aspectos jurídicos e socioculturais na atualidade. *Rev Cient Fac Quirinópolis.* 2021;1(11):319–35.
13. Reis G, Cúnico SD. A violência psicológica sob a perspectiva de mulheres que sofreram violência. *Psicol Argum.* 2024;42(116).
14. Paiva TT, Lima KS, Cavalcanti JG. Abuso psicológico, autoestima y dependencia emocional de mujeres durante la pandemia COVID-19. *Cienc Psicol.* 2022;16(2):e2257.
15. Sousa EES, Guida MRR. A Lei Maria da Penha: análise das medidas de proteção e apoio às vítimas. *Observ Econ Latinoam.* 2024;22(11):e7854.
16. Jesus CT, Alves SFS. Dependência emocional: permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. *Rev Foco.* 2025;18(4):e8291.
17. Gomes IRR, et al. Elaboração e validação da Escala de Atitudes para Mulheres sobre Permanência em Relacionamentos Abusivos. *Aval Psicol.* 2024;1:86–95

18. Portela Y. Violência psicológica: dificuldade em romper o vínculo afetivo em uma relação conjugal violenta. *Rev Bras Sexual Hum.* 2021;32(2).
19. Magalhães RS, Monteiro SC, Azevedo RLW, Ferreira EHM. Relacionamentos abusivos à luz da terapia do esquema: uma revisão sistemática. *Pesqui Soc Desenv.* 2022;11(14):e291111436131.
20. Medeiros AP, Cambaúva CE, Miranda RLS. Violência doméstica e psicologia: uma revisão integrativa da literatura. *Rev Saúde.com.* 2023;19(3).
21. Silva CM, Silva VAA, Hanna MOU. Danos psicológicos causados pela violência doméstica contra a mulher. *Braz J Implant Health Sci.* 2023;5(4):338–51.
22. Miranda IC, Lima LVC. Análise do impacto psicológico ocasionado em mulheres vítimas de violência simbólica: uma revisão de literatura. *Arq Ciênc Saúde UNIPAR.* 2023;27(5):3072–90.
23. Santos TO, Camargo MR. Dependência emocional em relacionamentos conjugais: possíveis fatores e consequências. *Rev Bras Ter Cogn.* 2022;22(2):1–7.
24. Zibenberg D. O que é abusivo: uma revisão sobre relacionamentos abusivos. In: Cruvinel BV, Costa LBMF, organizadoras. *Psicologia e cultura: abordagens, reflexões e implicações da psicologia na sociedade contemporânea.* São Paulo: Editora e-Publicar; 2023. p. 29–41.
25. Araújo SM, Rabello PM, Soriano EP, Moreira MHB, Bento MIC, Almeida AC. Violência contra a mulher: uma revisão de literatura. *Pesqui Soc Desenv.* 2021;14:e29101421616.
26. Moura GAR, Freitas JA, Coelho MSR. Ciclo da violência doméstica contra a mulher: reflexões jurídicas a partir da Lei Maria da Penha. *Rev Ibero-Am Humanid Cienc Educ.* 2023;9(11):974–84.